

REVISTA CULTURAL | 2021

Orpheu
TaredeS

Inês A. Vieira

Pintura de Inês A. da Silva Vieira
Vencedora do Prémio de Artes Plásticas "Henrique Silva"



FICHA TÉCNICA
Revista Cultural de Paredes

Direção
Alexandre Almeida,
Presidente da CM Paredes

Coordenação
Beatriz Meireles
Vereadora da Cultura
da CM Paredes

Coordenação Editorial
Maria Antónia Silva

Concepção e Paginação
Rui Carvalho

Revisão:
Cidália Pacheco Neto Geada

Propriedade
Município de Paredes
Parque José Guilherme
4580-130 Paredes
Telefone 255 788 800
cmparedes@cm-paredes.pt
www.cm-paredes.pt

Impressão
Gráfica de Paredes, Lda.

Depósito Legal
452562/19

Tiragem
1.000 exemplares

Capa
Inês A. da Silva Vieira,
Vencedora do Prémio de Artes
Plásticas "Henrique Silva"

Convidados*
Adelaide Morgado
Adelino Sousa
A. fe
Aires Montenegro
Alberta Rangel
Alberto Guimarães
Alda Neto
Ana Maria Fernandes
Anabela Machado
Ângelo César Neto
António Aresta
António Assunção
António Manuel S. P. Silva
António Miguel Ferreira

Arménio de Sousa
Beatriz Meireles
Carlos Ferraz
Celeste Coelho
Cristiano Marques
Cristina Vilarinho
Daniel Lemos
Donzília Martins
Fernanda Malheiro
Fernanda Pereira
Fernando Barbosa
Fernando Salvador
Filipe Cruz
Heitor Alvelos
Henedina Barbosa
Hernâni Gomes
Inácio Nuno Pignatelli
Inês A. da Silva Vieira
Ivo Rafael Silva
João Pacheco de Miranda
João Paulo Martins Ferreira
João Vieira
Joaquim Luís Costa
Jorge Brandão Pereira
Jorge Emanuel Cardoso
José Leão
Luís Leal
Mafalda Ruão
Manuel Abranches de Soveral

Manuel Cunha
Manuel Ferreira Coelho
Maria Antónia Silva
Maria do Rosário Ferreira
Maria João Pêra
Mariana Leite
Mariana Sousa
Marisô
Melissa Milene
Miguel Gomes
Natália Félix
Nuno Alexandre Ferreira
Nuno F. Silva
Odete Raio
Olesya Mohosh
Paiva Leal
Rafael Borges
Rogério Sousa
Rosário Correia Machado
Rosário Pires
Rui Carvalho
Rui Guedes
Rui Lobo
Serafim Ferreira
Sílvio Silva
Sónia Peixoto
Tomás Guedes
Zeferino Silva

* Os textos são da responsabilidade dos autores, que podem não seguir as normas do novo acordo ortográfico

FOTO: Peça de Teatro "Terra Queimada", autoria: Rui Carvalho

A QUINTA DO PAÇO DA TORRE (BEIRE, PAREDES) UM PRIMEIRO PÉRIPO HISTÓRICO

Luís Leal, Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa (UCP-CEHR)



Cruzeiro e entrada do Calvário (1957) [Fonte: *O Gaiato*. (1957 julho 27) 1]



Cruzeiro e entrada do Calvário (2018) [Fonte: *O Gaiato*. (2018 dezembro 8) 1]

Rumemos a Beire, freguesia do concelho de Paredes, «situada no vale do rio Mesio ou entre este e a serra de S. Tiago» (BARREIRO, 1924, p. 274). Aí chegados, a toponímia e a memória viva das gentes desta «freguesia [de onde] saíram alguns varões insignes em armas e letras» (BARREIRO, 1924, p. 276) concorrem harmoniosamente para nos indicar o destino desta nossa viagem (e o tema central destas linhas): a mui antiga Quinta do Paço da Torre, na Avenida Padre Américo, onde atualmente funcionam o Calvário e a Casa do Gaiato de Beire, valências da Obra da Rua.

Esta quinta, detentora de «elementos arquitectónicos originais que remontam ao séc. XVI» (PIRES & BARROS, 2012, p. 13), «pertenceu a Manuel Pamplona Carneiro Rangel Veloso Barreto de Miranda e Figueirôa, agraciado em 1824 com o título de Visconde de Beire, o qual foi pae da quarta condessa de Rezende» (BARREIRO, 1924, p. 274). Acerca deste que foi o «10º Senhor da Casa e Morgado de Beire, elevado a Visconde em duas vidas em decreto de 3 de Julho e Confirmação de 23 de Setembro de 1824» (MACHUQUEIRO, 2005, p. 37, nota 77), sabemos que nasceu em S. João de Canelas em 1774 e faleceu no Porto em 1849. Foi em 1825, e depois de uma notável carreira militar, que sucedeu a seu pai na casa de Beire. Em 1818 casou com D. Maria Helena de Sousa Holstein (29/3/1797 - 10/8/1867.), de quem é primogénita e herdeira D. Maria Balbina Pamplona Carneiro Rangel Veloso Barreto de Figueiroa de Sousa Holstein (20/8/1819 - 19/1/1890). Foi através

de D. Maria Balbina, em virtude do seu casamento, a 8/10/1843, com D. António Benedito de Castro (1820-1865), 4º Conde de Resende, que a casa e título de Beire se transmitiram aos Condes de Resende. Frutos deste casamento são ainda os seus vários filhos e filhas, entre os quais se contam D. Emília Maria de Castro (nascida a 9/6/1857 e falecida a 5/6/1934), que haveria de ser esposa do escritor José Maria de Eça de Queirós¹. Não obstante, «terminadas as partilhas dos bens da família Resende, a Emília coube a quinta chamada de Vila Nova [...] em Santa Cruz do Douro, concelho de Baião, que [...] viria a tornar-se célebre por ter servido de modelo à quinta de Tormes, de A Cidade e as Serras», enquanto que a quinta de Beire «coube em sorte a sua cunhada Benedita» (MATOS, 1996, pp. 379, notas 1 e 2). Por sua vez, a (nova) herdeira da Quinta da Torre, de seu nome completo Maria Benedita de Castro Pamplona (nascida a 18/5/1863 e falecida a 19/9/1934) casou, a 2/1/1899, com o poeta Luís Osório da Cunha Pereira de Castro (1859-1900), de Proença-a-Nova, de quem teve como filho Luis de Castro Osório de Menezes Pita (1901-?). E é aqui que este nosso périplo pela história dos “Pamplona”, “Resende”, “Queirós” e “Castro” cede lugar a um outro filão, a que pertencem personagens e realidades muito diversas e que, a seu modo, enformam quer o passado mais recente, quer o presente e o futuro desta quinta. Falamos de Padre Américo Monteiro de Aguiar², da história da (sua) Obra da Rua e, do legado de Padre António

1 Foram os restantes filhos: «D. Luiz Maria Benedito da Natividade de Castro Pamplona, 5.º Conde de Rezende, faleceu sem geração. D. Manuel Benedito, que segue. [...] D. Alexandre, casou com D. Emília Barbosa, com geração. [e] D. Manuel Benedito de Castro Pamplona, 6.º Conde de Rezende». (VIDAL, 1955, pp. 117-118) 2 AGUIAR, 1945, p. 152.

2 Sendo este um nome e biografia tão conhecidos das nossas gentes, apenas nos permitimos registar dois estudos do Padre Manuel Mendes como fontes para uma aproximação mais profunda aos mesmos (MENDES, 1995, 2014).



Retrato do Visconde de Beire (1845), da autoria de Tadeu de Almeida Furtado
[Fonte: Wikimedia Commons]



«D. Maria Benedita de Castro Pamplona, filha dos condes de Resende, e seu filho Luis de Castro Osório de Menezes Pita» [Fonte: Arquivo da Casa de Mateus]

Baptista³ seu sucessor no Calvário. Com efeito, e na ausência de melhor fonte⁴, é às palavras deste último que recorreremos para melhor percebermos todo o processo relativo à doação, por parte de Luís Osório, da sua Quinta do Paço da Torre à Obra da Rua, conforme narra a Escritura lavrada a 24 de junho de 1954, na comarca de Paredes, e assinada por este e por Padre Américo:

«[A Quinta] Foi dada em 1955⁵ pelo Dr. Luís Osório, que era nossa visita frequente no Tojal⁶. A quinta estava abandonada. Ele nem sequer a conhecia, herdara-a por parte da mãe, que era cunhada do Eça de Queiroz. Ora, o Dr. Luís Osório era padrinho de Missa Nova do Padre Fatela⁷, um discípulo meu [...]. O Padre Fatela insistia com o Dr. Luís Osório para que a oferecesse a Pai Américo. Mas ele não a queria dar. Esta história ninguém a sabe e pensam que a coisa foi fácil, mas não foi. Dada a insistência do Padre Fatela, ele veio cá acima ver a quinta. Pela

primeira vez! Não havia cá nada, estava tudo em ruínas. Esta casa não existia, estava tudo no chão. Daquele lado havia umas paredes... Ele veio vê-la, não para a dar mas para a vender. Quem me contou a história foi Mário Gonçalves, que foi Presidente da Austin em Portugal e vivia aqui junto de nós. Ele mesmo é que lha quis comprar para a oferecer ao filho mais velho. A coisa estava encaminhada e acertada. Foram ao notário para fazer a escritura. Já lá, o Luís Osório diz-lhe: "Só lhe vendo a quinta se ficar também com uma outra que tenho ali na Livração, ao pé de Amarante." "Mas eu só quero aquela!" "Ai não quer? Não? Então bom dia!" E foi-se embora. Depois telefonou ao Padre Américo: "A quinta é sua. Venha tomar conta dela" (PEREIRA, 2015, pp. 102-103).

De facto, de acordo com o que pudemos compilar do jornal *O Gaiato*, este acto benemérito de Luís Osório tem como origem mais remota um "bilhete" que lhe fora enviado

3 «António Baptista dos Santos [...] nasceu a 19 de novembro de 1930, em Cabril, Pampilhosa da Serra. [...] Incardinado na diocese de Lisboa, foi ordenado em 29 de junho de 1954. Quatro anos volvidos, entrou oficialmente na Obra da Rua» (PEREIRA, 2015, pp. 81, nota). A partir de 1958 (ZÉQUITA, 1958, p. 3), assume a direção do Calvário e da Casa do Gaiato de Beire, onde, no dizer de Henrique Manuel Pereira, «Durante sessenta anos, [...] alimentou, limpou, virou, mudou, cuidou corpos e mentes retorcidos como nós. Foram eles, afinal, o corpo do delito que [...] o condenou, por sentença transitada em julgado de 2 de Maio de 2017» (SANTOS, 2019, p. 9), e em razão do qual se viu impedido de ali poder continuar a residir (e permanecer no exercício daquelas funções).

4 Nem as informações disponibilizadas pelo jornal *O Gaiato* (o conhecido quinzenário da Obra da Rua) são particularmente pormenorizadas a este respeito, nem o tema captou especial atenção dos estudiosos da Obra. Assim, as seguintes referências são também tentativa de síntese coerente dos dados disponíveis.

5 Foi, de facto, em 1954 (ver data da Escritura citada), pelo que este terá sido um mero lapso de memória de Padre Baptista, nesta sua «conversa» com Henrique Manuel Pereira – Cfr. PEREIRA, 2015, pp. 12-13.

6 Referência à Casa do Gaiato de Santo Antão do Tojal, Loures, fundada por Padre Américo a 4/1/1948. Esta Casa foi posteriormente entregue ao Patriarcado de Lisboa em 5/7/2006, não fazendo desde então parte da Obra da Rua.

7 Padre Joaquim Fatela (Meimoa, Penamacor, 22/07/1927 – Beja, 24/05/2012). O seu nome surge recorrentemente n' *O Gaiato*, sempre ligado à Obra da Rua e a Padre Américo. Fundou em Beja a Casa do Estudante.



Quinta da Torre - ruínas (1955)
[Fonte: SIPA / www.monumentos.pt]

pelo próprio Padre Américo. O episódio é referido por Padre Telmo Ferraz⁸: «P. Américo sonhou... Pediu a Quinta: “Excelentíssimo senhor” [...] a sua Quinta da Torre está abandonada; se me der, farei dela uma Obra linda”. O senhor respondeu: “A Quinta é sua, faça”» (FERRAZ, 2013, p. 4, 2015, p. 4)⁹. Consumada a doação, a Casa do Gaiato de Beire, que haveria de ser inaugurada em 16/7/1957, é então destinada para acolher o “Lar agrícola” e o “Calvário”, para abrigo de doentes. E esta é a segunda parte da história desta quinta a que havemos de regressar futuramente.

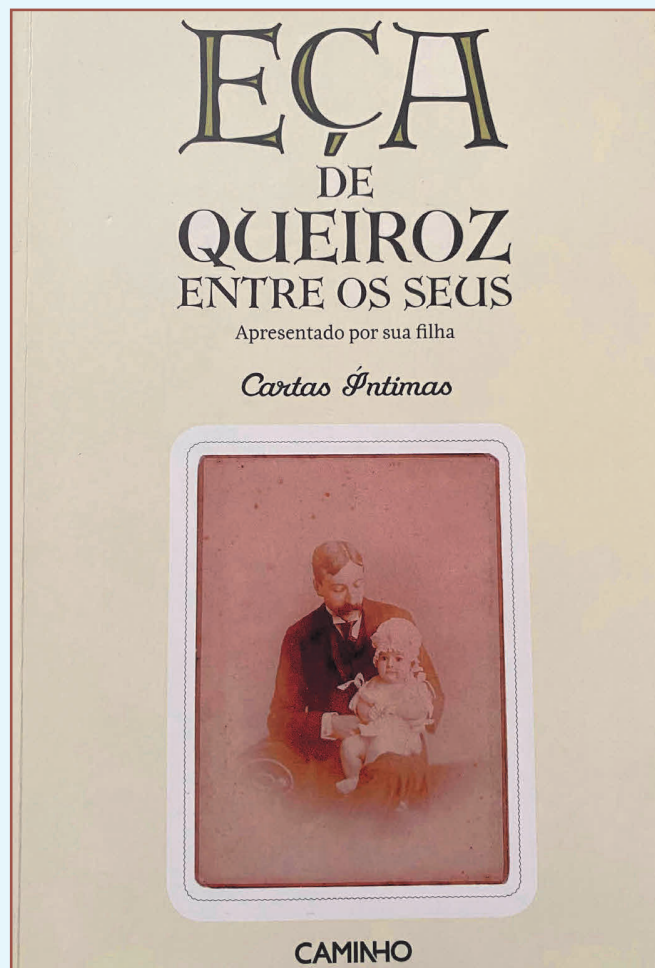
Bibliografia:

BARREIRO, José do (1924). *Monografia de Paredes*. Tipografia Barros e Costa.
FERRAZ, Padre Telmo (2013, novembro 2). Sinais. *O Gaiato*, 4.
FERRAZ, Padre Telmo (2015, outubro 17). Sinais. *O Gaiato*, 4.
MACHUQUEIRO, Pedro Urbano da Gama (2005). *A Casa Palmela e o desafio Liberal: Estratégias de afirmação* [Dissertação de Mestrado em História Contemporânea]. Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
MATOS, A. Campos (Ed.). (1996). *Eça de Queiroz/Emília de Castro. Correspondência epistolar* (2a ed.). Lello Editores.
MENDES, Manuel (1995). *Esboço de cronologia da vida do Padre Américo*. [s.n].
MENDES, Manuel (2014). *Padre Américo. Itinerário Vocacional*. Editorial Casa do Gaiato.
PEREIRA, Henrique Manuel (2015). *Raízes do Tempo. À volta de Padre Américo*. Alforria-Tenacitas.
PEREIRA, Henrique Manuel (2019). *No tempo e na eternidade. Caminhos com Telmo Ferraz* (1a ed.). Alforria.
PIRES, Fabíola Franco Pires, & BARROS, Fernando Cerqueira (2012). A “*Obra da Rua*” no *Concelho de Paredes*. [Trabalho realizado no âmbito do Programa de Bolsas de Investigação “Cidade e Património Arquitectónico do Século XX: 1910-1974”. Texto policopiado].

SANTOS, José da Cruz (Ed.). (2019). *Padre Baptista. Alma, corpo, mãos e coração de «O Calvário»* (1a ed.). Editorial da Casa do Gaiato.

VIDAL, Frederico Gavazzo Perry (1955). Os velhos palácios da Rua da Junqueira (Conclusão). *Olisipo. Boletim Trimestral do Grupo “Amigos de Lisboa”*, Ano XVIII (71), 117-118.

ZÉQUITA. (1958, novembro 15). Pelas Casas do Gaiato - Beire. *O Gaiato*, 3.



Páginas 210 e 211:

“... Meu Pai decidira logo ir ver a quinta, e como a Tia Benedita ficara com outra perto de Penafiel, a quinta da Torre, em Beire, resolveram meter-se a caminho...”

“...Gostámos muito de Beire, onde a Benedita pode, com pouco dinheiro, fazer uma casa interessante, com os excelentes restos do que lá há, conservando-lhe mesmo um ceto arzinho «século passado». Todos os arredores de Beire são do mais gracioso e fresco tipo minhoto.”

8 José Telmo Ferraz nasceu em Bruçó, Mogadouro (Bragança), a 25/11/1925. Ordenado presbítero a 29/6/1951, foi pároco de Genísio e Vilar-Seco (1951-1952) e em Picote, onde dinamizou a construção da respetiva Igreja Paroquial, inaugurada em 4/8/1957. Foi, contudo, na Barragem de mesmo nome (e na qualidade de “capelão privativo” da empresa construtora da dita) que a sua ação se tornou notável. Terminada aquela barragem, dali parte, a 2/3/1960, para Cambambe, Angola, tendo igualmente como missão acompanhar os trabalhos de construção de outra barragem. Depois, em Dange-ia-Menha (povoação situada a 30 km de Cambambe e a 200 km de Malange), Padre Telmo funda uma “aldeia de leprosos indígenas” e uma escola para os filhos destes. É na sequência da visita do Padre Carlos Galamba (então diretor da Obra da Rua, após a morte de Padre Américo) que, em 1963, se faz “Padre da Rua”. Dinamiza, depois, a construção da Casa do Gaiato de Malange, no Culamoxito (cuja primeira pedra foi benzida em 5/1/1964), da qual foi diretor. Vive hoje no Calvário de Beire. Para mais pormenores biográficos, ver PEREIRA, 2019, pp. 43-97.

9 Sendo hoje desconhecido o paradeiro de tal “bilhete”, é naturalmente difícil apurar os termos exatos do mesmo, como comprova a versão de Padre Baptista nos seus “apontamentos pessoais”: «Passei hoje à sua Quinta da Torre, em Beire, que encontrei abandonada. Se queria dela para viver, guarde-a. Se não queria, passe-a para cá» (PIRES & BARROS, 2012, p. 13).

